

# Formação de estudantes nas redes sociais: autoria e cooperação no Facebook

---

*Arisnaldo Adriano da Cunha*

## Introdução

Na condição de professor de Filosofia do Ensino Médio e aluno de mestrado, participamos do grupo de pesquisa “Rede de Políticas Públicas para a Educação (RPPE)” do COMUNIC/UFSC, do projeto Política, Tecnologia e Interação Social na Educação, que investiga o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento. A presente pesquisa se insere na dimensão prática de intervenção pedagógica, que compreende a experimentação de apropriações de redes sociais *on-line* (Facebook) na escola. E problematizamos como identificar “Autoria e Cooperação” em ambientes virtuais como o Facebook, na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O objetivo da pesquisa era analisar a “Autoria e Cooperação” necessárias para uma formação crítica dos sujeitos, em uma proposta pedagógica de preparação para o ENEM, no Facebook.

A intervenção realizada entre os meses de agosto e novembro de 2015 consistiu na organização de um grupo fechado no perfil de um professor no Facebook, onde 37 formandos do Ensino Médio, e seis professores de diferentes disciplinas (Matemática, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Filosofia e História) foram cadastrados. A empiria foi realizada na Escola Estadual de Educação Básica Bertino Silva, de aproximadamente 392 alunos, do qual 176 alunos estavam no Ensino Médio, localizada no município de Leoberto Leal, Santa Catarina. Com a finalidade de estudar para as provas do ENEM, o grupo virtual de estudos teve a participação de 19 estudantes de outra escola, E. E. B. Prefeito Frederico Probst, do município de Petrolândia/SC, que juntamente com colegas e professores puderam interagir, pesquisar e compartilhar conhecimento, criando vídeos, textos, analisando charges, gráficos, notícias, utilizando diferentes

gêneros discursivos e contextos educacionais, argumentando, criticando e debatendo.

A pesquisa, portanto, não propõe demonstrar como promover autoria e cooperação, mas a partir de um estudo de caso, através de uma análise qualitativa com base em indicadores e métricas, apresenta critérios e elementos para a sua ocorrência ou condicionamento.

Tabela 1  
Categoria analítica Autoria

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>	
Autoria	Compreensão/ Apreensão	Questiona conteúdo para compreensão	Q
		Sintetiza, Conclui	S
		Contextualiza	C
		Avalia com Justificativas	AV
	Produção	Questiona/Problematiza (É mesmo?)	P
		Opina com Argumentação	O
Criação de Algo Novo		N	

Tabela 2  
Categoria analítica Cooperação

<b>Categoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>	
Cooperação	Reciprocidade	Menção nominal, convida	M
		Saudações	SA
		Perguntas e respostas	PR
	Troca de informação	Compartilhamento de recurso ou informações	CI
	Participação de professores e alunos	Iniciativa do aluno	I
		Acolhimento do professor à iniciativa do aluno	AP
	Entendimento comum	Construção coletiva de sentido	CC

O estudo apresentou formas de estudar as conversações, interações e produções de conteúdos, especificamente para a rede social Facebook. A partir do referencial teórico de Silva (2006) e Belloni e Gomes (2008) tomamos os conceitos de “Autoria e Cooperação” e os assumimos como categorias analíticas. O instrumento seleciona e

define indicadores de investigação para cada uma delas e cria métricas para a sua identificação nas trocas comunicativas entre alunos e professores no grupo fechado criado no Facebook.

As teorias construtivistas, na visão de Mattar (2013), são as que mais teriam influenciado a aprendizagem mediada pela tecnologia: centrada no aluno, como processo ativo, e não passivo; o contexto, a linguagem e outras ferramentas sociais na construção do conhecimento. Estamos afirmando, segundo Morin (2010), que uma formação crítica vai além de acumular saberes, mas passa por uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, princípios organizadores que permitem ligar os saberes e lhes dar sentido. Para Rojo (2013), o mundo da *Web 2.0* com mais possibilidades de leituras, debates e produções pode promover o nascimento do leitor como sujeito engajado, o seu protagonismo. Para Silva (2006), “Autoria” está na qualidade e quantidade de interações, na expressão e confrontação, na coautoria, na cocriação. Para existir “Cooperação”, na opinião de Belloni e Gomes (2008), deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas.

No contexto da cibercultura o conceito de autoria apresenta a ideia do leitor como coautor, dada a escrita colaborativa, a remixagem e a circulação em rede de diferentes textos. Segundo Demo (2015), a mensagem da *Web 2.0* é geração de conteúdo próprio. As tecnologias não são para dar aula, reproduzir, expor, mas exercitar a autoria do estudante e professor.

Considerando que criar algo novo não se refira somente ao inédito e original, as publicações no grupo de estudos do Facebook, em sua maioria, não representaram ressignificações de conteúdos ou criação de algo diferente. Os vídeos elaborados pelos alunos, por exemplo, reproduziam enunciados e resoluções de questões de provas sem a devida reflexão, contextualização, demonstrando pouca compreensão e apreensão dos conteúdos.

Os estudantes demonstraram ter dado passos importantes para o protagonismo na cultura digital, houve reflexão crítica sobre os conteúdos postados, porém a maioria dos estudantes ainda não atingiu o grau de plena autoria ao produzirem e compartilharem algo novo ou a criação inovadora de conteúdos. Este é um passo reconhe-

cidamente difícil, mas que deveria permanecer no horizonte de todos, de modo a que não se deixe de promover as ações que venham criar as condições favoráveis para o desenvolvimento da plenitude da autoria.

A partir do entendimento de que estudar para o ENEM foi o objetivo e o projeto comum da escola, dos professores e dos alunos, o indicador Entendimento Comum seria o consenso necessário para superar diversidades, diferenças individuais, neste contexto competitivo para, em nome deste projeto comum, unir forças e colaborar para construir coletivamente sentidos para uma união, harmonia e parceria. Por outro lado, os estudantes destacam em seus depoimentos a importância dos trabalhos em grupo e o compartilhamento de informações na rede como estratégias pedagógicas positivas: ajudando-se mutuamente, a ouvir e aprender com o outro, trabalhar em equipe, dividir tarefas e facilitar aos colegas entender melhor. Inferimos que os estudantes querem participar, mas não como os professores esperam. Eles sabem o que querem, mas esta participação não é considerada “adequada” pela escola.

A intervenção mostrou ganhos positivos quando desestabilizou a rotina escolar, trazendo elementos para questionamentos e avaliações, como: o deslocamento do professor da zona de conforto; a necessidade de novas estratégias de atividades e abordagens (de conteúdos disciplinares e de comunicação); superar a condição de espectador para protagonista; novas perspectivas em relação ao uso das tecnologias em sala de aula; reflexão da prática docente; o tempo e a desterritorialização do espaço escolar; o trabalho e o planejamento em equipe; a relação motivação / dispersão/ obrigação.

Porém, são visíveis as dificuldades de perceber que as mudanças na educação não estão em pedagogizar um artefato tecnológico, mas na forma de abordagem dos conteúdos e na comunicação na sala de aula. O que essa prática tem diferente das práticas tradicionais, além do Facebook? A prática pedagógica demonstrou o modelo de o professor ensinar o que os alunos devem reproduzir. Mudar os meios não muda a concepção de ensino e aprendizagem, precisamos repensar as práticas pedagógicas, isto inclui repensar a escola. Enquanto não conseguirmos dar um significado para a tecnologia

ela não integrará as nossas práticas. É preciso, portanto, aprender a desenvolver a autoria e cooperação, porque somos condicionados pela pedagogia da transmissão a sermos reprodutores e individualistas. Entendemos que mudanças neste contexto passam pela transformação cultural que acontece de forma lenta e gradual.

O modelo de investigação se mostrou capaz de contribuir para o campo da educação, especialmente a pesquisa da internet e a formação de professores para a apropriação crítica de tecnologias digitais. As redes sociais por si só não podem fazer refletir, mas abrem um importante caminho para a ampliação do universo da sala de aula, estimulando alunos e professores a tornarem-se produtores e não apenas reprodutores de conteúdo. É possível, portanto identificar uma visão menos instrumentalista e mais crítica, apresentando algo a mais do que a simples utilização pedagógica das tecnologias, uma mudança de postura do fazer pedagógico independente do uso das TIC.

Enquanto experiência pessoal, o processo de pesquisa deixou algumas contribuições e dificuldades. Para além de um aperfeiçoamento pessoal, o mestrado significou um repensar da prática pedagógica, no propósito de sair do discurso e ir para a prática; proporcionou a pesquisa-ação e a pesquisa-formação, culminando na formação enquanto professor e pesquisador; possibilitou uma relação mais estreita entre academia e escola. Entre as principais dificuldades estão o distanciamento do pesquisador para fazer a crítica; o discernimento em perceber as diferenças entre relato de experiência e análise a partir de dados; elaborar a escrita, sistematizar ideias, ser autor. Aprendemos que este modelo de formação característico da pós-graduação pode acontecer na prática escolar, na educação básica e capacitação inicial e continuada de professores, adequando-se aos seus contextos.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, M. L.; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagem: autodixia e colaboração. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 104 - Especial, p. 717-746. Campinas, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>. Acesso: 15 ago. 2015.

CUNHA, A. A. **Autoria e Cooperação na Formação de Sujeitos nas Redes Sociais:** o caso do ENEM no Facebook. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2016.231 p.

CUNHA, A. A.; LAPA, A. B. **A Formação de Sujeitos nas Redes Sociais em contexto escolar.** Internet Latent Corpus Journal, v.6,n.2 (2016). Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/ilcj/article/view/4528>. Acesso dia 15/03/2017.

DEMO, P. **Aprender como Autor.** São Paulo: Atlas SA, 2015.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação, artesanato educacional.** São Paulo: Artesanato Educaciona, 2013.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

ROJO, R. **Escola conectada:** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SILVA, M. **Sala de aula interativa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.